

José Antonio Sabio Pinilla

(Universidad de Granada)

## **SOBRE ALGUNS APÉNDICES MODALIZADORES EM PORTUGUÊS**

Se é lícito falar de revolução nos métodos de ensino duma língua estrangeira, pode dizer-se que esta se inicia com a importância concedida aos métodos comunicativos, que surgiram como reacção lógica frente ao descritivismo imperante até aos anos sessenta.

Posto que estamos interessados em desenvolver a competência comunicativa dos alunos, vemo-nos na obrigação de privilegiar um método comunicativo que inclua os mecanismos que regem a produção e interpretação de enunciados.

Muito resumidamente, o ponto de vista teórico de que partimos recolhe aquelas contribuições mais interessantes da moderna pragmática relacionadas com as normas e regras que regulam a actividade conversacional: o princípio de cooperação, baseado no respeito recíproco dos falantes, e a norma conversacional da cortesia linguística que conforma um marco de relações sociais favorável para que o acto comunicativo possa realizar-se.

Visto que um dos nossos objectivos pedagógicos é desenvolver a competência comunicativa dos nossos estudantes, trataremos de explicar o funcionamento da linguagem e a sua utilização na comunicação social; daí que neste trabalho estudemos aquilo que diferentes investigadores denominaram «captateurs»<sup>1</sup>, «comprobativos»<sup>2</sup> ou «interrogativas TAG»<sup>3</sup>, e que nós incluímos no termo mais geral de «apêndices modalizadores», já que a característica que melhor os define é a sua função de validação interlocutória, por meio da qual os indivíduos ratificam o seu papel de participantes da interacção e regulam o seu modo de agir ou actuar através da língua.

A comunicação é para nós, neste sentido, uma prática colectiva em que os diferentes participantes levam a cabo um conjunto de procedimentos para assegurar, desta maneira, o óptimo desenvolvimento discursivo. A partir do *corpus* conversacional transcrito no primeiro tomo do *Português Fundamental*<sup>4</sup>, de que tiramos os exemplos, analisaremos o funcionamento destes «apêndices modalizadores» em Português.

O falante utiliza-os quando quer ratificar alguma coisa acerca da qual tem certas previsões. Mais do que contribuir ao conteúdo informativo do enunciado -pelo que seria possível prescindir deles sem que a informação do enunciado-base, mudasse, se alterasse ou diminuísse-, estes elementos orientam o esforço interpretativo do ouvinte, evidenciam as relações interactivas dos falantes e regulam as trocas conversacionais,

---

<sup>1</sup> Vid. Kerbrat-Orecchioni, C., *Les interactions verbales*, Paris, Armand Colin, 1990, p. 18.

<sup>2</sup> Vid. Lyons, J., *Semántica*, Barcelona, Teide, 1980, pp. 696-697, denomina-os «modalizadores de comprobación»; Ortega Olivares, J., «Apêndices modalizadores en español: Los "comprobativos"» (pp. 239-255), in *Estudios Románicos dedicados al Profesor Andrés Soria Ortega*, Tomo I, Granada, 1985.

<sup>3</sup> Vid. Brito, A.M.<sup>a</sup> e Ardisson Pereira, M.<sup>a</sup>G., «Introdução ao estudo das interrogativas em português», *Boletim de Filologia*, 27, 1982, pp. 191-254; Mateus, M.H., Brito, A.M.<sup>a</sup>, Duarte, I., Faria, I., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989 (2.<sup>a</sup> ed. revista e aumentada), pp. 245-247.

<sup>4</sup> *Português Fundamental. Métodos e Documentos*, Tomo I (pp. 79-309), Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

atenuando em forma de falsa pergunta os enunciados assertivos em que aparecem para pedir confirmação, afastando portanto os perigos duma asserção categórica.

A expressão linguística desta actividade reguladora é muito ampla e variada; abrange tanto uma série de elementos fáticos ou apelativos [hã, ah, então]:

(1) «A: faz? então isso é que é um marido, hã? (G1146, p. 263),

(2) «X: sabe, e se o disser debaixo de fisma nós sabemos da mesma maneira, ah?» (G0248, p. 128),

(3) «A: mas anda no mar, então?» (G1146, p. 263),

às vezes, também com valor confirmativo [heim],

(4) «... Punha-o a pontapés... Você não duvida, heim?»<sup>5</sup>,

como as características fórmulas da língua portuguesa relacionadas com a linguagem-eco.

Vamos começar por uma série de elementos fáticos, que encontram correspondência noutras muitas línguas, cuja expressão linguística tem que ver com a não obviedade do acto comunicativo: o falante pensa que não é óbvio que o ouvinte esteja de acordo com alguma coisa ou informado de alguma coisa... Esta característica recorre a verbos de opinião e percepção, como por exemplo: SABER, COMPREENDER, PERCEBER, CONCORDAR, etc.:

(5) «... mas o moço era mocito novo, percebe?» (G0109, p. 100),

(6) «... e agora guardamos recordações estupendas desse tempo, sabe?» (G0308, p. 134),

(7) «X: é. é o género de cavalo que eu não gosto, percebes?» (G0482, p.

---

<sup>5</sup> Cf. Mações, D., «Formas interlocutórias do diálogo no Português moderno coloquial», *Biblos*, 45, 1969, p. 169; inclui um excelente *corpus* (pp. 153-266).

150),

e outros que pressupõem uma forte expectativa por parte do falante de maneira que uma resposta negativa provocaria admiração ou surpresa como ACHAR, PARECER,

(8) «X: eu fiz uma panelinha de sopa, olhe!

A: hum!

X: inda lhe dá para hoje...

ó C! com certeza que esta sopa que

te dá, não achas?

C: dá, dá» (G1383, p. 305).

ou a perífrase verbal ESTAR A VER, que utilizada depois duma explicação indica que o falante se certifica de que o ouvinte compreendeu aquilo que ele disse:

(9) «X: tenho também um quintal, tenho de tratar os bichinhos que tenho... e, claro, tem que se andar sempre de roda da bicharada, está a ver?» (G0075, p. 88).

Como acontece nos outros apêndices modalizadores que estamos a estudar, o apêndice modaliza um enunciado-base assertivo; a pergunta recai no verbo mais do que no conteúdo proposicional, por isso já foi assinalada a sua semelhança com as perguntas retóricas<sup>6</sup>.

A seguir vamos ver os «apêndices modalizadores» mais característicos do português: aqueles que se caracterizam por modalizar assertos por meio da repetição mecânica do verbo modificado no número e na pessoa, conforme ao propósito comunicativo, ou aqueles que mantêm uma forma mais fixa.

A) Apêndices modalizadores que modalizam um enunciado-base assertivo

---

<sup>6</sup> Cf. Borillo, A.. «Quelques aspects de la question rhétorique en français», DRLAU, 25, 1981, p. 6.

afirmativo:

I. NÃO + repetição do verbo do enunciado-base:

(10) «o autó(...), o autódromo de lisboa vai começar a funcionar este ano não vai?» (G0170, p. 113),

(11) «... e os senhores também têm seguro automóvel, não têm?» (G0618, p. 164),

(12) «B: são bonitinhos, não são?

A: são muito bonitos» (G1016, p. 244).

II. NÃO É VERDADE?

(13) «X: exactamente! realmente o corpo da, o corpo da mulher é diferente, não é verdade?

A: pois claro!» (G0091, p. 93),

(14) «X: mas tem aqui um prefixo re, digamos de reforço, não é verdade. religare, não é verdade. portanto religião vem de religare, uma ligação forte, não é, ligar fortemente» (G0622, p. 167).

III. NÃO É?

(15) «... ele também parece um computador, não é?» (G0029, p. 82),

(16) «A: é uma espécie duma vida que está organizada debaixo do boletim meteorológico, não é?» (G0673, p. 172),

que pode aparecer no passado:

(17) «B: mas ele disse isso com maldade, não foi?» (G0248, p. 129),

ou com a variante afectiva: NÃO É + VOCATIVO:

(18) «pois é, a vida no mar é uma vida triste, mas ao mesmo tempo é uma vida animada, porque no verãozinho até gozam! não é, amiga?» (G1146,

p. 264).

#### IV. NÃO?

(19) «A: apanhou um susto, não?

X: sim, eu apanhei!» (G0109, p. 99),

(20) «A: um bocadinho deve ser favor, não?

X: um bocadinho» (G0236, p. 126),

(21) «A: e morreu tuberculoso, não?

X: não, não, tuberculoso tinha sido o, o guarda-redes anterior...» (G0236, p. 127).

Como já foi assinalado, estes apêndices caracterizam-se por modalizar um enunciado-base assertivo afirmativo em vez dum enunciado interrogativo<sup>7</sup>. O que mais chama a atenção, ao examinar este tipo de enunciados, é o grau de incerteza com que o falante apresenta o conteúdo proposicional, dentro dum mecanismo conversacional que tem a finalidade de pedir confirmação de modo que as expectativas do falante possam ser ratificadas total ou parcialmente (12), (13), (20) ou, mais raramente, rectificadas (21).

Apesar de apresentarem valores do ponto de vista pragmático semelhantes, parece existir uma certa gradação pelo que diz respeito à frequência e nível de uso destes apêndices, que vão desde a esmagadora presença do apêndice NÃO É? nas conversações quotidianas<sup>8</sup>, passando pelas variantes NÃO É + VOCATIVO<sup>9</sup>, que obedece a causas

---

<sup>7</sup> «Pelas suas funções pragmáticas, uma «tag» não pode ligar-se a outras interrogativas, quer sejam de sim / não ou parciais (independentes ou subordinadas)», *vid. Gramática da Língua Portuguesa*, ed. cit., p. 246.

<sup>8</sup> Que para Delmira Maçãs serviria para demorar as respostas, *op. cit.*, p. 155, e para Meyer-Hermann, K., seria sinal de reciprocidade, *vid. «Formas de «atenuação» no ensino do Português como Língua estrangeira», p. 179, in Estudos de Linguística Portuguesa. Herculano de Carvalho, J.G. e Schmidt-Radefeldt, J. (orgs.), Coimbra Editora, 1984.*

afectivas e faz parte dum registo mais familiar e amistoso, e NÃO É VERDADE?, com um emprego intermédio e que pode alternar num mesmo enunciado com NÃO É? (14), até o apêndice NÃO?, que indica maior incerteza e urgência no falante, e a fórmula-eco NÃO + repetição do verbo do enunciado-base, menos utilizados que NÃO É? e NÃO É VERDADE?, mas não por isso menos relevantes. Como acontecia nos verbos de percepção, a utilização de NÃO É VERDADE? indica maiores expectativas no pedido de confirmação do falante, e por isso uma resposta contrária causaria uma maior surpresa.

B) Apêndices modalizadores que modalizam um enunciado-base assertivo negativo:

#### I. POIS NÃO?

(22) «A: então a senhora, o seu filho não vive cá, pois não?» (G0894, p. 220),

(23) «B: terá alguma influência para cá, para o nosso circuito? eu julgo que não, pois não?» (G0170, p. 113).

De novo, o falante procura certificar-se e dirigir a resposta do ouvinte.

Dos anteriores apêndices também podem aparecer neste tipo de enunciados:

#### II. NÃO É?

(24) «... os miúdos pequeninos não sabem, não é?» (G0031, p. 82).

#### III. NÃO? e NÃO É VERDADE?<sup>10</sup>

(25) «João não vai ao cinema, não é verdade?»,

(26) «João não vai ao cinema, não?».

---

<sup>10</sup> Pode encontrar-se ainda a variante NÃO É ASSIM?, não documentada no *corpus* estudado, mas utilizada na língua falada e escrita, vid. Gramática da Língua Portuguesa, ed. cit., pp. 245-246.

<sup>11</sup> Apêndices que não aparecem documentados no *corpus* analisado nesses enunciados negativos, mas que podem aparecer, vid. Brito e Ardisson Pereira, op. cit., p. 248.

Todos estes apêndices podem ser utilizados pelo falante em enunciados-base assertivos, ora afirmativos (A), ora negativos (B), para ver ratificada alguma coisa acerca da qual tem certas expectativas. No entanto, observam-se na língua falada interessantes flutuações no emprego destes apêndices modalizadores, com respeito à norma, já que «o valor opositivo talvez não seja um traço relevante»<sup>11</sup> para poder definir a relação entre o apêndice e os enunciados-base em que aparece.

No *corpus* analisado, encontramos vários casos irregulares, com respeito à norma, mas admitidos pelo uso, em enunciados-base assertivos afirmativos que são modalizados pelo auxiliar:

(27) «A: põem só vinagre, é?» (G0962, p. 229),

(28) «E: mas foi um senhor que disse isso, foi?» (G0248, p. 129),

casos em que a norma talvez seja alterada porque o falante tem maiores dúvidas<sup>12</sup>, e apenas um caso em que POIS NÃO? modaliza um enunciado-base assertivo afirmativo:

(29) «A: mas (...) muita idade, pois não?» (G0376, p. 140),

em que a norma é alterada por uma ruptura ou hesitação no desenvolvimento discursivo (29); de qualquer maneira, nos três casos, comportam-se como autênticos elementos apensos que têm uma função de validação interlocutória.

### C) SIM?

Não registamos no *corpus* analisado a utilização de SIM? com o valor de apêndice modalizador, embora possa aparecer em certos enunciados, por exemplo, para mostrar o agradecimento:

---

<sup>11</sup> *ibidem*.

<sup>12</sup> Sendo mais uma estratégia manipulatória de que se serve o falante para pedir confirmação. É interessante destacar o valor da entoação neste tipo de enunciados.



(30) «Obrigado, sim?».

ou ao iniciar uma conversaçoão ao telefone:

(31) «Está, sim?».

Este apêndice é menos utilizado também em espanhol, talvez por motivos de norma, relacionados com uma escolha mais ou menos subjectiva dos falantes.

Os apêndices modalizadores formam tanto em português como em espanhol um grupo fónico particular, sobre o qual recai uma entoação ascendente ou ascendente-descendente que intensifica o efeito do elemento apenso. Estes apêndices apresentam em espanhol maior riqueza e variedade de formas que em português; porém, são muito mais utilizados em português já que fazem parte da linguagem-eco.

O apêndice NÃO? modaliza em português enunciados assertivos, afirmativos e negativos, pelo contrário em espanhol ¿NO? também pode modalizar enunciados-base exortativos, isto é, enunciados que podem ser interpretados como petições ou rogos:

(32) «¡Haz el favor de esperar! ¿no?».

desta maneira o falante atenua as condições do mandato e justifica o seu acto de fala sugerindo que tem razões para isso<sup>13</sup>.

É por isso que encontramos em espanhol «modalidades mixtas»<sup>14</sup> que não se encontram em português, porque os apêndices portugueses modalizam apenas enunciados-base assertivos: para corroborar ou ratificar uma previsão acerca da qual o falante tem mais ou menos expectativas, levando o ouvinte a responder como ele pretende.

---

<sup>13</sup> Cf. Ortega Olivares, J., op. cit., p. 245. Quando se trata de enunciados assertivos negativos, ao contrário do português, em espanhol ¿NO? é substituído por ¿VERDAD?:

(33) «No has comprado el libro, ¿verdad?».

<sup>14</sup> Cf. Ortega Olivares, J., op. cit., pp. 254-255.